

Catequeses Teresianas

VII

Só mais algumas evocações do símbolo *morada*.

Morada também é o espaço aberto aos outros, propício a fazer comunidade e comunhão, onde se podem acolher os amigos, para partilhar com eles a palavra reconfortante e o banquete da comunhão na amizade. A realidade e o símbolo da *morada* remetem imediatamente para acolhimento, sensibilidade, *com-paixão* (*com-viver a mesma paixão* do outro). *Morada* é possibilidade de relação e de convivência. Perante a visita do outro, o bem-querer invade a *morada*, gerando uma aura de benevolência. Uma existência harmoniosa sente alegria em abrir a *morada* à visita de outras pessoas, com o desejo de que «se sintam em casa» e se sintam bem consigo. A nossa *morada* é lugar de abertura ao mundo que rodeia a família e de alargamento do tecido da comunhão humana. Se somos sensíveis, não entramos nem saímos de uma *morada* sem nos enriquecermos e nos transformarmos um pouco.

Com a potencialidade que a memória nos proporciona, recordar o nome de uma *morada* significa recompor toda uma história que implica pessoas associadas a ela e sentimentos que fazem vibrar o presente em harmonia com o passado. A *morada*, especialmente a que está carregada de evocações simbólicas, como uma pousada ou um castelo, está cheia de remissões sem fim. E é à volta dela que podemos construir e recordar a nossa autobiografia e a nossa história, vivida prevalentemente nessa *morada*. De facto, até a história humana entra na *morada* através de várias janelas de comunicação. Assim, a *morada* é, de algum modo, estruturante da existência humana, por congregar em si a história da pessoa.

Em linha com algumas das ressonâncias deste símbolo, para S. Teresa *morada* soava a «dentro de nós», a interioridade, a *Castelo Interior*, título que se inspirava nos castelos que ocupavam a parte mais nobre, bonita e cultural da paisagem castelhana e enchiam a Espanha do seu tempo. Mas precisamente esse *Castelo Interior* está cheio de *moradas*, símbolo estrutural entendido dinamicamente, que remetia imediatamente para o interior da alma e para a vida espiritual como processo evolutivo. Está bem reflectido no título de *Moradas*, dado por Frei Luís de León à primeira edição da obra de S. Teresa. A santa pensava na alma de cada pessoa como habitada por Deus. Aqui encontrou o fundamento para este seu livro, vendo nas *Moradas* mais que um lugar: via um estado progressivo, determinado pela cada vez maior interiorização e intensificação das relações entre Deus e a pessoa, por meio da oração.

P. Armindo Vaz, OCD